

WANDERLEY

por Gabriel Borba*

artista@mboy.art.br

Estou sentado na frente do Wanderley, na varanda do Café do Ponto, centro do Embu. É meio da tarde, dia claro e pouco usual para o encontro, já que mais das vezes nos vemos na outra esquina, quando nos vemos, logo cedo, ali onde foi o bar do Cabral.

O Wanderley usa um boné com algum descabelo escapando pelas beiradas; camisa folgada, mangas arregaçadas; short azul escuro e sandália. As mãos, manchadas de cores, uma delas no colo a outra, sobre a mesa, segura um celular também manchado. O braço, sobre alguns exemplares de tablóide, apóia o corpo. O rosto bem desenhado, bonito pode-se dizer, tem ar tranqüilo e feliz, não combina, nadinha, com a cena que protagoniza. A posição, inclinada para frente, é incisiva em minha direção e o palavrório jorra tropeçando em exclamações.

Minhas conversas com o Wanderley costumam ter raros momentos de diálogo. Prendem-me com as histórias que contam e calam-me com o sobejo destampatório contra fatos que, em geral, tenho opinião nenhuma. Proposições as mais altruísticas intercalam-se com memória de um passado que me põe "saudades do que não conheci": sei do Solano Trindade; do Mestre Gama; do Jaldo Jones; dos irmãos Caetano, Jorge e ACAE, Luzia ainda ativa; Ana Moysés... Divirto-me com as façanhas de toda a turma durante a viagem de um mês a Brasília, representando a arte da cidade. Conheço os momentos de glória do Assis, com quem convivi depois; acompanho a fraqueza senil do Joel Câmara, meu amigo; a Panda e tantos personagens que fizeram do Embu, o Embu das Artes. Turma da qual participou, trazido, ainda jovem, por volta de 1965, pela mão do Solano Trindade, na casa de quem morou por uns meses com mulher e filha. Saiba-se, o Wanderley se gaba de manter fitas gravadas de conversas com quase todos.

Durante o relato, assunto de muitos desses encontros, percebo a mão nervosa manuseando o celular e, distraído, reparo em mais de uma tentativa frustrada de ligação. As coisas se misturam; dedos agriem o teclado,





palavrões intercalam frases, o assunto muda para a droga da concessionária, a porcaria do fabricante, a infinita conspiração contra o bem estar do cidadão. Aos berros o celular é arremessado contra a mesa, cai na cadeira e o Wanderley atravessa a rua chutando latas para alcançar o orelhão onde, de longe, vejo suas pernas num balé demonstrativo do risco que corre o equipamento, o poste e tudo envolta.

Enquanto isso, folheio o tablóide largado na mesa, e vejo, logo na capa, um desenho do Wanderley e uma chamada assinada por ele. Dentro mais desenho, dois outros artigos, um deles se queixando em termos muito duros do desmazelo dos "donos do mundo" e mais um assinado por um nome qualquer, onde reconheço o ritmo caudaloso do Wanderley que enrosca aqui e acolá em curvas poéticas dando fôlego ao leitor para respirar a paixão que descreve. Paixão que se encontra, de uma forma ou de outra em todos os outros textos. Estranhamente, nos desenhos não.

Mas, eis que volta o Wanderley, boné na mão, cabelo esparramado, narinas bufando, lotes de impropérios. O caso é, de fato, com a concessionária da linha que insiste que o número discado não existe.

"O NÚMERO DO MEU JORNAL #@%#@! JORNAL QUE FAÇO SOZINHO HÁ TANTO TEMPO @#\$%""\$#!" vai dizendo. "Wanderley", digo, "foi você que fez todo o jornal?" "FOI #%%\$%#@!, TODINHO!" "Até essa contracapa?" - insisto, mostrando a contracapa toda preta, escrito em branco, letras garrafais, o novo número de telefone da redação. Tinha mudado.



ESCULTURAS MÚLTIPLAS EM CERÂMICA

O homem está em guerra. Vive em guerra. Alimenta-se dela. Não é o motivo que impera. Qualquer fato é motivo. O que para outros é incômodo, às vezes muito grande, para ele é obstáculo que precisa ser superado a golpes. O que para outros é simpatia, às vezes muito grande, para ele é paixão que precisa ser consumida a golpes. Seja paixão seja obstáculo, o que importa é o "fervor". O impulso primordial que acende seus olhos e move suas mãos. Que o torna pintor. O expressionismo é consequência. No ateliê, queima a tela com espátula violenta e sobrepõe pincelada matizada que acomoda o conjunto. Expõe enorme energia, contida, afinal, no acabamento. Não polemiza formatos, não se envolve em composições. O olhar controla tudo, fazendo do conjunto o que ele se torna. Às vezes brota do fundo espalhafatoso uma figura dançarina, expressivamente deformada, forçando algum sintoma temático ou aludindo a conteúdos que se mostram mais explicitamente. Se músicos, tudo baila, se dor, tudo corroe. Se outro, outro.

Como um romancista é prisioneiro de seus personagens. Acompanha-os e enriquece seus conflitos com proposições de ordem criativa, sem condição de mudar seus enredos, a menos que os deforme. E seus personagens, os personagens do Wanderley, são o fundo e o primeiro plano. Nada da banda que toca, do casario que se derrama, da paixão que clama, nada disso. É fundo e é primeiro plano. E na relação entre um e outro, está o drama.

De modo geral o fundo vai com autonomia até certo ponto, reinando sozinho por bons momentos, até que brota a invenção do primeiro plano, mais das vezes uma figura, com intenção de impor-se. O resultado é um maneirismo próprio do Wanderley que monta seu estado expressionista a partir dos enfrentamentos que persegue na vida diária, fora da tela, que criam motivos de conteúdo que impregnam sua pintura. Ora um retrato, vestígio de uma paixão ou de uma dor, ora cenas do imaginário corrente, ligado ao lugar e à arte do lugar, uns boizinhos, ferozes ou acomodados; músicos; casario... Engraçado, não lembro ter visto gente na praça: profundidade e perspectiva que só notei em desenhos.



Na pintura, quando a figura no primeiro plano entra em conflito com o fundo embaralhado de cores espatuladas, recebe contornos grossos e acentuados, em cores que correspondem ao conjunto e que se espalham pela tela, camuflando o pendenga e resolvendo conjunto. Outras vezes a figura nasce da braveza do fundo que lhe dá suporte, como que extraída de um universo em revolução. Nesses casos, o ritmo é mais dinâmico e a expressão do conteúdo se faz harmônica e eficaz, com prejuízo do maneirismo que caracteriza fases intermitentes do pintor.

Chega, alguma vez, a garatujar longos títulos sopra a tela, quase textuais, apontando para o conteúdo imaginado, no intento de dar projeção exaltada ao fato que comemora. São casos paralelos à escrivinhagem poética a que se dedica com certa frequência e que confere à tela configuração expressiva muito favorável. É curioso que o Wanderley, não raro, faz inscrições desse gênero no verso da tela. Nas que vi está claro que não se trata, exclusivamente, de sinal de identificação ou de memorial, mas de exagero expressivo, íntimo, quase secreto, daquilo que foi no anverso, visível e público.

Quando, no entanto, o conflito fundo primeiro plano se dá livre dos maneirismos incidentais ou das necessidades de conteúdo conduzidas por impressões circunstanciais; quando se dá exclusivamente pelo "fervor" interno do artista, agitado e irreverente, ainda que conduzido pela necessária disciplina, o que se vê são telas de expressionismo abstrato em toda a sua glória. Como, aliás, boa parte da exposição que fez no centro cultural do Embu, no meio de 2007.

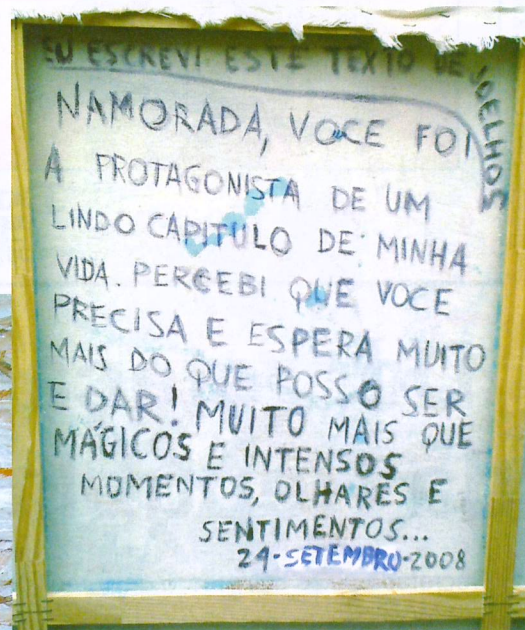
E, claro, o que foi dito está carregado de impressões pessoais, extraídas das inúmeras vezes em que estive com o Wanderley em seu ateliê e que refletem e o que gostaria de ter visto mas o cara não faz.

Outro dirá outras coisas e, certamente, acentuará qualidades que não menciono ou por que me escapam ou por que me são indiferentes. Defeitos também.

GABRIEL BORBA
novembro 2008

* **Gabriel Borba** é artista plástico, arquiteto e museógrafo do MAC - Museu de Arte Contemporânea da USP - Universidade de São Paulo
gborba@usp.br www.gabrielborba.gborba.non.br

Fotos
Andrei
Castro
Ciuffi



Pintura
Verso
Detalhe



Wanderley Ciuffi

Estúdio - Rua N. Sra. do Rosário, 45 - loja 5 (Viela Olho d'Água)
Centro Histórico - Embu das Artes
(11) 4704.1012 e 7373.6584 wciuffi@ig.com.br